

EDUCAÇÃO POPULAR NA PEDAGOGIA HOSPITALAR: PRÁTICAS E SABERES EM CONSTRUÇÃO

Ercília Maria Angeli Teixeira de **Paula** – UEM

Resumo

A Educação Popular na Pedagogia Hospitalar ainda é uma área em construção e desconhecida pela maioria dos profissionais da educação, da saúde e pelos próprios órgãos oficiais que deveriam se responsabilizar por esse atendimento educacional. O objetivo desta pesquisa foi realizar uma análise dos trabalhos apresentados nas Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), no período de 2000-2014, no Grupo de Educação Popular (GT-6), para verificar a presença da Educação Popular na Pedagogia Hospitalar e analisar as concepções educacionais existentes. Foram encontrados dois trabalhos que discutem esta temática. Um trabalho está relacionado à Educação Popular em ambientes hospitalares e outro está relacionado à Educação Popular em brinquedotecas. O fato do Grupo de Educação Popular da ANPEd (GT-6) ter acolhido 2 trabalhos em 14 anos, expressa que existe uma lacuna nessa área que precisa ser discutida em relação as concepções de educação que estão sendo utilizadas nestes contextos, assim como da insuficiência da produção acadêmica desta temática nos programas de pós-graduação.

Palavras Chaves: Educação Popular, Pedagogia Hospitalar, Práticas Educativas.

EDUCAÇÃO POPULAR NA PEDAGOGIA HOSPITALAR: PRÁTICAS E SABERES EM CONSTRUÇÃO

Introdução

A Educação Popular em Saúde é uma área reconhecida e legitimada há muitos anos na Educação Popular. Dentre as suas principais características estão os trabalhos coletivos desenvolvidos com as classes populares, o incentivo a participação popular na luta pela democratização, humanização, qualidade e gestão dos serviços públicos de saúde. Os referenciais teóricos e epistemológicos deste campo são construídos coletivamente com os profissionais de saúde e com as comunidades. O investimento na formação desses profissionais para busca de estratégias de enfrentamento das situações

opressoras e desiguais no atendimento da saúde para as classes populares no Brasil, é uma de suas principais marcas.

Para Vasconcelos (2004) as integrações dos profissionais de saúde com os movimentos sociais da Educação Popular e as formas participativas rompem com a tradição autoritária dominante na saúde e contribuem para a desconstrução do autoritarismo de doutores no desprezo ao saber das classes populares, aos doentes e suas famílias.

A Educação Popular em Saúde no Grupo de Educação Popular (GT-06) nas Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, (ANPEd) é uma discussão já consolidada devido ao empenho e esforços dos pesquisadores que nelas atuam. Entretanto, a Educação Popular na Pedagogia Hospitalar ainda é uma área em construção e desconhecida pela maioria dos profissionais da educação, da saúde e pelos próprios órgãos oficiais que deveriam se responsabilizar por esse atendimento educacional. Embora existam professores e pedagogos que atuam em diferentes Estados de nosso país, desde a década de 1950 esse trabalho é pouco reconhecido, tanto em relação aos professores, quanto aos direitos dos alunos a este atendimento educacional.

Existem diferentes campos de atuação para os professores e pedagogos que atuam na Pedagogia Hospitalar: as escolas nos hospitais, as brinquedotecas hospitalares, os atendimentos pedagógicos domiciliares para alunos com doenças crônicas que precisam de atendimentos em suas casas, os atendimentos educacionais para pessoas que ficam hospedadas nas Casas de Apoio, os atendimentos psicopedagógicos em ambulatórios dos hospitais, os atendimentos em Clínicas Psiquiátricas para pessoas com doenças mentais, e os atendimentos em Clínicas de Recuperação de dependentes químicos. Esta área tem se tornado uma realidade no Brasil por meio de convênios estabelecidos entre Secretarias de Educação e Saúde com os hospitais e essas instituições de apoio as instituições hospitalares.

O Ministério da Educação, no documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (BRASIL, 2002) utiliza o conceito de Classe Hospitalar para definir o atendimento dos professores nos hospitais. Entretanto, este conceito é polissêmico. De acordo com Zaias e Paula (2010, p. 224) esta concepção de Classe Hospitalar é interpretada de diferentes maneiras pelos pesquisadores da área:

Muitos pesquisadores consideram a expressão Classe Hospitalar insuficiente para atender as demandas que existem. Taam (2004) argumenta que o conceito classe hospitalar configura esta modalidade de ensino como um anexo das escolas regulares, enfraquecendo a autonomia desse sistema. Assim, atualmente, são várias as nomenclaturas utilizadas pelos diversos estudiosos da Pedagogia Hospitalar. Matos (2008) utiliza o termo “escolarização hospitalar”, Fonseca (2008) faz uso dos termos “escola hospitalar”, “atendimento pedagógico-educacional hospitalar”. Há autores, como Paula (2005) e Arosa e Shilke (2007), que utilizam o conceito “escola no hospital” para definir as práticas pedagógicas neste ambiente. Considera-se que o termo “escola no hospital” é o mais apropriado, pois abrange a necessidade de uma estrutura complexa, não somente professores deslocados de suas escolas de origem (das prefeituras e dos Estados). Torna-se importante que as escolas nos hospitais possuam um número de profissionais que possam contemplar as várias áreas do conhecimento das crianças, os diferentes níveis de escolaridade e também coordenadores pedagógicos para mediar a relação das escolas nos hospitais com as escolas regulares.

Neste artigo será utilizado o conceito de escola nos hospitais, pois o atendimento aos alunos nas instituições hospitalares e nos outros contextos de abrangência da Pedagogia Hospitalar requer profissionais de várias áreas do conhecimento que atendam aos diferentes níveis de escolaridade e aos diversos contextos culturais e econômicos. Também são necessários coordenadores pedagógicos para auxiliarem na organização e gestão dos projetos políticos pedagógicos, no apoio aos professores, aos alunos e na realização do trabalho de mediação das escolas nos hospitais com as escolas de origem desses alunos.

Este trabalho surgiu da necessidade de investigar os fundamentos teóricos dos trabalhos que adotam a perspectiva da Educação Popular na Pedagogia Hospitalar no âmbito acadêmico, mais especificamente, na pós-graduação.

O objetivo desta pesquisa foi realizar uma análise dos trabalhos apresentados nas Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) no período de 2000-2014, no Grupo de Educação Popular (GT-6), para verificar a presença da Educação Popular na Pedagogia Hospitalar e analisar as concepções educacionais destes trabalhos. Este recorte do período de análise dos trabalhos ocorreu pelo fato dos trabalhos estarem disponibilizados na íntegra nos *sites* das reuniões na *internet*. Foram pesquisados os trabalhos que abordavam as questões da Pedagogia nos hospitais nas reuniões anuais, nos trabalhos encomendados, nos pôsteres e nos mini-cursos.

Outro aspecto quanto a escolha do Grupo de Educação Popular (GT-6) da ANPED para esta pesquisa, deve-se ao fato de agregar vários trabalhos a respeito da

educação em diferentes contextos e apresentar possibilidades de diálogos e interlocuções com essas áreas.

A pesquisa realizada por Backes (2007) sobre “O lugar da cultura no GT Educação Popular da ANPEd” apontava outra característica deste grupo, o caráter democrático. Segundo Backes, a perspectiva democrática era revelada a partir das diferentes regiões do Brasil que eram contempladas no grupo, da diversidade de gênero e da variedade de forma de financiamentos. Quanto as características conceituais, no que diz respeito ao lugar da cultura, Backes (2007) afirmava que o grupo era plural, pois circulavam formas diferentes de se fazer a leitura do mundo. Nesse sentido, ele aponta as perspectivas foucaultianas, diversos teóricos dos estudos culturais, autores da psicanálise, que apresentavam características distintas em suas análises. A discussão sobre a ocorrência da Educação Popular no interior e fora da escola também se fazia presente, assim como a discussão da reconceituação da área.

A seguir serão descritos aspectos das características da Pedagogia Hospitalar no Brasil.

1. A Pedagogia Hospitalar no Brasil

No Brasil a seleção dos professores para atuarem nas escolas nos hospitais ocorre através das Secretarias de Educação dos Estados dos municípios, através de editais públicos. Os professores e coordenadores pedagógicos concursados, que já atuam na rede de ensino se inscrevem para realizarem o trabalho nas instituições hospitalares e nos diferentes contextos citados. Entretanto, ainda não existe a obrigatoriedade deste atendimento e a garantia do direito a educação para as pessoas enfermas. Essa questão tem sido reivindicada por diferentes professores no Brasil através de Projetos de Lei em vários Estados.

O Projeto de Lei 4.191- 2004 (BRASÍLIA, 2004) proposto pelo Deputado Wladimir Costa foi o primeiro Projeto de Lei apresentado na Câmara Federal que discute essa necessidade da obrigatoriedade. Desde o ano de 2004 este Projeto de Lei está em tramitação, mas, recentemente, em 2015, esse projeto foi arquivado no Congresso Nacional. Todavia, em função dos movimentos sociais de professores que atuam em hospitais e pressões junto ao deputado proponente, o projeto estará sendo desarquivado para ser apreciado novamente pelas comissões.

Em relação às práticas educativas realizadas pelos professores, pedagogos e educadores que atuam na Pedagogia Hospitalar com as crianças, adolescentes, jovens e

adultos, elas apresentam concepções de educação diversificadas. As ações lúdicas que realizadas nas brinquedotecas hospitalares também apresentam essas características.

Nas escolas nos hospitais a multiplicidade de propostas pedagógicas é interessante e enriquecedora, pois muitos professores constroem as propostas pedagógicas a partir da realidade dos educandos e das suas regiões. Mas, essa realidade não reflete a maioria das ações educativas dos professores em geral. Um aspecto predominante na maioria das práticas educativas é a reprodução dos sistemas tradicionais de ensino das escolas regulares para as escolas nos hospitais. A relação entre professores e alunos é individualizada e, muitas vezes, os livros didáticos são os únicos recursos educacionais utilizados.

Para Gonsáles Simancas y Polaino Lorente (1990), estudiosos da Pedagogia Hospitalar na Espanha, a educação nos hospitais vai além da mera aprendizagem e implica incidir sobre a pessoa que está enferma para melhorar. Por isso, o educador não pode se limitar a ser um mero explicador de coisas e a educação não pode identificar-se como uma mera instrução, transmissão de conhecimentos formalizados, nem como adestramento de alunos para aprender habilidades.

Para Gonsáles Simancas y Polaino Lorente (1990) a Pedagogia Hospitalar não deve renunciar aos conteúdos específicos do ensino formalizado. Ela precisa ir além destas questões, pois, trata de flexibilizar e agilizar os conteúdos para se acomodar ao estado biopsicológico e social nos quais as crianças, adolescentes, jovens e adultos se encontram.

Neste sentido, faz-se necessário pensar a Pedagogia Hospitalar nas escolas nos hospitais como um processo de reinvenção do cotidiano enfrentado pelas pessoas enfermas, bem como de libertação de práticas educacionais enfadonhas e mecanicistas.

O livro “Pedagogia dos Sonhos Possíveis”, organizado por Ana Maria Araújo Freire (2001) apresenta vários depoimentos e ensaios de Paulo Freire sobre suas concepções de educação, de direitos humanos, alfabetização e também, sobre o ato cognoscente. Para Freire (2001, p. 42), o processo educativo, o ato cognoscente envolve comprometimento e prazer:

Porque é um ato cognoscente, desde o momento mesmo em que buscamos a delimitação de seu objeto, o que teremos de aqui realizar é a “admiração” do que, num momento dado, sendo objeto “admirável” se fará o objeto admirado e, assim, incidência cognoscível de nossa cognoscibilidade. Isso implica que o verdadeiro cognoscente põe o sujeito numa posição perceptiva frente a “ad-

miráveis” de natureza diferente de quem não consegue a transformação qualitativa do “ad-mirável” em “ad-mirado”.

Nas escolas nos hospitais, quando as ações educativas são realizadas respeitando as histórias de vida dos educandos em relação às diversidades culturais, étnicas, econômicas, diversidades de gênero e quando as propostas educacionais são construídas conjuntamente entre professores e alunos, fundamentadas em temas geradores e de modo dialógico, os resultados são positivos e admirados entre professores e alunos.

Através da problematização das dificuldades e desigualdades sociais, o ato cognoscente é realizado de forma integrada e com respeito e curiosidade epistemológica entre educadores e educandos. Quando as escolas nos hospitais reproduzem perspectivas tradicionais de educação, os educadores podem estar realizando um movimento de dupla exclusão dos educandos, pois muitas pessoas se sentem à margem da sociedade por estarem hospitalizadas ou reclusas em Clínicas e/ou Casas de Apoio. Esses alunos também se sentem à margem social, por não poderem frequentar suas escolas de origem. Quando eles encontram educadores tradicionais nesses ambientes, a perspectiva de transformarem suas vidas, mesmo diante das adversidades, é restrita. Sendo assim, é preciso pensar e estudar estratégias, metodologias e concepções de educação que possam contribuir para que esses educandos se sintam livres e fortalecidos em suas ideias, pensamentos e posturas diante do mundo. Ou seja, que eles se sintam empoderados. A fragilidade da situação do adoecimento também gera baixa autoestima, dificuldades com a socialização e noção de pertencimento à sociedade e de admiração.

Para Freire (1982) uma educação preponderantemente autoritária acumulada na experiência do educador se constitui em um elemento inibidor da experiência espontânea ou espontaneidade do educando. Para ele, quanto mais o educador é autoritário, mais tem medo de arriscar-se e da liberdade. Desta maneira, ele irá reproduzir o medo, a insegurança e silenciar os educandos.

Quando o educador centraliza a ação educativa, ele tende a inibir os educandos. Para Freire (2011,p.9) “conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto recebe dócil e passivamente os conteúdos que o outro lhe dá ou impõem. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito frente ao mundo.”

É preciso destacar que a alegria, o prazer, a esperança, a ludicidade e amorosidade também compõem os princípios da Educação Popular. Para Freire (1996, p. 142) “A atividade docente da discente, não se separa e é uma experiência alegre por

natureza. É falso também tomar como inconciliáveis, a seriedade docente e a alegria, como se alegria fosse inimiga da rigorosidade”

Em relação às ações lúdicas e divertidas desenvolvidas nas brinquedotecas hospitalares, elas também são diversificadas no Brasil e apresentam características distintas. Em alguns projetos essas características precisam ser problematizadas.

A lei 11.104 de 2005 (BRASIL, 2005) que tornou obrigatória as brinquedotecas em hospitais pediátricos, não faz nenhuma menção sobre os profissionais para atuarem nas brinquedotecas. Desta maneira, os hospitais no Brasil, em sua maioria, realizam convênios com as universidades para a realização de Projetos de Extensão com estudantes de Pedagogia e Licenciaturas para desenvolverem ações nessas brinquedotecas ou esses trabalhos são realizados por voluntários. Muitos projetos de extensão são esporádicos, o que compromete a sistematização de conhecimentos na área. Em relação ao trabalho com voluntários, em muitas instituições, eles são pontuais e com características assistencialistas.

Mendonça (2008) analisa o conceito de assistencialismo em Paulo Freire. Ele considerava que essas ações trazem obstáculos à autenticidade e dignidade humana e geram a passividade. A explicação do assistencialismo estaria na inexperiência democrática do povo brasileiro que produziu um processo de descaracterização entre homens e mulheres e lhes impôs uma condição de antidiálogo, de autoritarismo, de mutismo e tornaram os homens afastados da sua essência. A superação desta condição somente ocorreria através de processos educativos democráticos, dialógicos e com participação efetiva das pessoas nas soluções de seus problemas.

Em alguns Projetos de Extensão em brinquedotecas hospitalares existe pouca integração com os profissionais de saúde dos hospitais. Desta maneira, a humanização no contexto hospitalar, em muitos desses projetos, ocorre somente no interior das brinquedotecas. Fora desses locais, muitas vezes, as relações opressoras nos hospitais entre profissionais de saúde e pacientes, continuam as mesmas. Sendo assim, é preciso pensar e estudar de que maneira os docentes, estudantes ou voluntários que atuam nas brinquedotecas hospitalares estão promovendo condições para as pessoas que as frequentam possam se sentir protagonistas de suas histórias nos hospitais em todos os ambientes e não somente nos espaços reservados de “humanização”. É preciso problematizar se essas brinquedotecas funcionam como instrumentos de adaptação das pessoas as condições opressoras nos hospitais, ou se elas estão integradas em uma perspectiva de humanização mais ampla.

Para Dickmann e Dickmann (2008, p. 121) a realidade opressora nega a possibilidade dos indivíduos de libertação e dificulta a possibilidade histórica de concretização de sonhos:

O que os oprimidos e oprimidas sonham para humanizar-se não são artificialidades, coisas supérfluas ou bens materiais em si. Estes sonhos coletivos transcendem para algo mais importante, como a liberdade, a mudança da realidade opressora, uma vida digna e humanizada para todos.

Desta maneira, nos ambientes hospitalares, pequenos detalhes no acolhimento as pessoas, nos esclarecimentos sobre as patologias, no esclarecimento das normas de internação, na escuta, no fornecimento de condições adequadas de infraestrutura física, dentre outros aspectos, fazem parte dos processos de humanização. Todavia, esses aspectos não podem ser tratados de forma isolada e precisam ser realizados cotidianamente nos atendimentos as pessoas enfermas.

Para Pulga (2014, p.128) “A Educação Popular é um caminho político-pedagógico que requer o envolvimento e a corresponsabilização de todos participantes, na construção, apropriação e multiplicação do conhecimento.”

Quanto à humanização, Dickmann e Dickmann (2008) discutem o conceito de humanização e adaptação em Paulo Freire que considerava que a humanização é consequência da luta das pessoas oprimidas pela libertação da desordem opressora. Para ele, os sistemas de opressão desumanizam as pessoas e, neste processo, muitas vezes, as pessoas compreendem as ordens injustas como naturais e são levadas a adaptarem-se a esse mundo. Desta forma, Paulo Freire considerava que a busca pela humanização não é um processo simples. Ela envolve a busca constante do ser mais, do fazer-se mais humano e esse processo não é biológico, mas fundamentalmente, histórico.

Em muitos Projetos de Extensão desenvolvidos nas brinquedotecas hospitalares os estudantes são amorosos com as crianças e adolescentes, entretanto, em muitos Projetos existe uma descontextualização da realidade hospitalar e das condições opressoras as quais os pacientes estão submetidos nos hospitais. Nesse sentido, as palavras de Freire (1993,p. 57) sobre amorosidade no trabalho do educador, também podem ser aplicadas nesse contexto:

É preciso que o amor seja, na verdade, um “amor amarrado”, um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar. É essa forma de amar indispensável ao educador progressista e que precisa ser aprendida e vivida por nós.

Muitos estudantes e docentes dos Projetos de Extensão se defrontam com pessoas sendo maltratadas nos hospitais e se sentem inibidos de realizarem denúncias sobre essas situações. É preciso considerar as questões éticas desses Projetos de Extensão, entretanto, quando essas pessoas vivenciam situações de constrangimentos dos pacientes, principalmente das classes populares, quando são tratados com indiferença, são necessárias denúncias.

Freire (1996) considerava que a educação é uma forma de intervenção no mundo. Para ele, as pessoas não podem perder a capacidade de se indignar, assim como não podem absorver e naturalizar transgressões éticas. As pessoas precisam condenar e denunciar essas transgressões. Desta maneira, a questão da humanização nos hospitais precisa ser construída coletivamente. As ações educacionais da Pedagogia Hospitalar precisam ocorrer de forma dialógica e também serem construídas para o anúncio, para as denúncias e as transformações das realidades opressoras. Porém, em muitas destas instituições, esses aspectos são pouco considerados.

Entretanto, apesar dos limites e das dificuldades na Pedagogia Hospitalar é preciso destacar que, embora existam práticas assistencialistas nesse campo, também existem práticas educacionais significativas dos educadores que atuam nesta área. As práticas fundamentadas na Educação Popular apresentam características expressivas e emancipatórias que têm gerado resultados interessantes para os educadores e educandos que vivenciam essas ações educativas de forma coletiva.

As escolas nos hospitais, os atendimentos pedagógicos domiciliares, os atendimentos em Clínicas Psiquiátricas, atendimentos em Casas de Apoio, nas Clínicas de Recuperação de Dependentes Químicos nos quais atuam educadores, são locais de excelência para o trabalho conjunto com os educandos e suas famílias, com propostas educacionais emancipatórias e de humanização. A seguir, serão descritos trabalhos que discutem essas perspectivas.

2. A Educação Popular na Pedagogia Hospitalar no Grupo de Educação Popular (GT – 06) da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação- ANPEd

Nos últimos anos no Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006) trouxeram avanços no que diz respeito às discussões sobre a educação em diferentes contextos. Esse documento revela que a inclusão desta

temática na formação do Pedagogo está propiciando a busca pelo respeito à diversidade dos educandos e valorização de suas identidades. Estas questões estão retratadas no próprio documento do MEC (BRASIL, 2006,p.2):

Enfatiza-se ainda que grande parte dos Cursos de Pedagogia hoje têm como objetivo central à formação de profissionais capazes de exercer a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas para a formação de professores, assim como para a participação no planejamento, gestão e avaliação de estabelecimentos de ensino, de sistemas educativos escolares, bem como organização e desenvolvimento de programas não-escolares. Os movimentos sociais também têm insistido em demonstrar a existência de uma demanda ainda pouco atendida, no sentido de que os estudantes de Pedagogia sejam também formados para garantir a educação, com vistas à inclusão plena dos segmentos historicamente excluídos dos direitos sociais, culturais, econômicos e políticos.

Nos cursos de graduação, a Pedagogia Hospitalar tem sido discutida em disciplinas referentes aos considerados programas “não escolares”, em Projetos de Extensão das universidades e em Trabalhos de Conclusão de Curso. Em relação a pesquisa, existem estudantes que recebem bolsas de Iniciação Científica e bolsas de extensão para atuarem nesses contextos.

O conceito “não escolar” é insuficiente para denominar as ações que são realizadas nas escolas nos hospitais e nos atendimentos pedagógicos domiciliares, Casas de Apoio e Clínicas e brinquedotecas hospitalares. No caso dessas escolas em hospitais, elas representam uma espécie de “entre lugar” entre a educação regular e a educação que ocorre de modo complementar a escola, pois, os professores contratados são professores da rede pública, o que significa que existe a oficialização do trabalho. Entretanto, os currículos dessas escolas e dos atendimentos pedagógicos domiciliares, os atendimentos das Casas de Apoio e/ou Clínicas, precisam estar adequados as realidades dos educandos. Mas essa flexibilidade não significa que nesses currículos não deva existir o que Freire (1996) denominava de rigorosidade metódica. Para Freire (1996, p. 26) uma das tarefas primordiais é “trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis.”

A educação nos hospitais e nos atendimentos pedagógicos domiciliares, assim como nas Clínicas, atende desde crianças da Educação Infantil até jovens e adultos que cursam o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ela está voltada para a diversidade. Nos vários contextos que os professores atuam, eles educam alunos que cursam o ensino regular, indígenas, quilombolas, pessoas deficientes, ribeirinhos,

crianças, adolescentes, jovens e adultos do e no campo, assim como pessoas que estão afastadas da escola.

Após a pesquisa nos artigos no Grupo de Educação Popular (GT-6) da ANPED, no período de quatorze anos (2000-2014) foram encontrados somente 2 artigos que abordam a Educação Popular na Pedagogia Hospitalar na área de apresentação de trabalhos. Não foram encontrados trabalhos em pôsteres, trabalhos encomendados ou mini- cursos. Os artigos foram selecionados por apresentarem trabalhos desenvolvidos por professores nas práticas educativas em hospitais e nas práticas lúdicas em brinquedotecas hospitalares, fundamentados nos princípios da Educação Popular.

O primeiro artigo foi de Oliveira e Santos (2007), duas docentes da Universidade Estadual do Pará (UEPA-PA) que apresentaram o trabalho na 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação- ANPED, realizada em Caxambu, Minas Gerais, no ano de 2007. O tema daquele ano da Reunião era ANPED: “30 Anos de Pesquisa e Compromisso Social.”

O artigo de Oliveira e Santos (2007) intitulado “A Cultura Amazônica em Práticas Pedagógicas de Educadores Populares” apresentou as atividades educativas realizadas por um Núcleo de Educação Popular da cidade de Belém no Pará, em comunidades hospitalares, periféricas e rurais-ribeirinhas. Segundo as autoras, as comunidades hospitalares:

constituem espaços educativos com ofertas de turmas de alfabetização para pacientes em tratamento de saúde especializado, sendo estes espaços constituídos de uma associação de voluntariado que presta atendimento, em Belém, a pessoas em tratamento oncológico, e o outro, um albergue hospitalar, que atende crianças, jovens e adultos provenientes do interior do Estado (OLIVEIRA, SANTOS, 2007, p. 1)

Os elementos da Educação Popular estavam presentes nestas práticas desde o encontro com os educadores e seus educandos nas quais são descritas as rodas de “cultura das conversas”. Nestas rodas, os educadores conversavam sobre a oralidade das pessoas mais antigas, os saberes, as tradições e as culturas. As autoras descreveram a pluralidade de saberes da cultura amazônica, suas lendas e representações presentes nos camponeses, ribeirinhos, pescadores, indígenas, remanescentes de quilombos, assentados e populações urbanas e periferias que participavam dos encontros.

A diversidade cultural era a tônica do trabalho. Diversidade que se fazia presente nas várias etnias, saberes, artesanatos, religiosidade, costumes, culinária, música e imaginários. Os objetivos do trabalho estiveram voltados para identificar as

representações sobre cultura amazônica presentes na prática cotidiana pedagógica de educadores e alfabetizandos e para o repensar a práxis alfabetizadora a partir da reflexão sobre a própria prática dos educadores e educandos, contextualizada na diversidade das comunidades. A pesquisa foi qualitativa, com estudos de comunidades locais. Foi realizada com 07 turmas de comunidades periféricas, hospitalares e rurais ribeirinhas e envolveu 30 sujeitos, sendo 08 educadores e 19 alfabetizandos do Núcleo e 03 pessoas de comunidades ribeirinhas.

As práticas pedagógicas envolviam vários momentos: levantamento bibliográfico, levantamento documental, dinâmicas pedagógicas e entrevistas aos educadores. A sistematização dos dados esteve voltada para o que os educadores pensavam sobre a cultura amazônica, como ela se manifestava nas práticas sociais e educacionais, quais os saberes, as representações e os efeitos dessas representações no ambiente social e educativo.

O texto apresentou trechos das entrevistas realizadas com os educadores populares e os aspectos da Educação Popular trabalhados no cotidiano das ações desses educadores. Vale destacar que foram analisadas narrativas sobre a relação de respeito dos educadores com a diversidade cultural dos educandos e a inserção dessa diversidade nas ações educacionais. As discussões sobre as diferentes etnias e as inserções dos saberes das danças, músicas, culinária e religiosidade também foram destacados pelos educadores. A importância da solidariedade, do sentimento de pertencimento a comunidade, a religiosidade, as discussões sobre as desigualdades sociais, a construção coletiva dos temas geradores, e a oportunidade de escuta e do diálogo, foram aspectos descritos pelos educadores. As dificuldades no trabalho também foram relatadas, assim como as estratégias de superação. A conclusão deste trabalho, segundo Oliveira e Santos (2007, p. 14):

Os educadores têm consciência que a cultura amazônica é híbrida, multicultural, formada por populações e culturas diferentes e por isso, trabalham pedagogicamente a autonomia dos sujeitos e a originalidade de sua cultura, que são as vozes, os saberes, os costumes, os imaginários e representações das populações locais.

O artigo de Paula (2008) “Educação Popular em uma Brinquedoteca Hospitalar: Humanizando relações e construindo cidadania”, docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa no Paraná (UEPG/PR) foi apresentado na 31ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação, em 2008 em

Caxambu, Minas Gerais e o tema era “Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação”. O objetivo do trabalho estava voltado para descrição e análise das influências de um Projeto de Extensão e Pesquisa de implantação de uma brinquedoteca hospitalar, na formação humana e profissional dos acadêmicos. Este projeto foi realizado em um Hospital Filantrópico de uma cidade no interior do Paraná e estava vinculado a uma Universidade Estadual Pública. As implicações do projeto foram analisadas tanto no que se refere à construção da cidadania quanto da humanização das relações entre os acadêmicos participantes do projeto. Os princípios da Educação Popular estavam presentes nas ações lúdicas cotidianas na brinquedoteca hospitalar. Quanto a metodologia da pesquisa, de acordo com Paula (2008, p. 1) a pesquisa foi qualitativa:

A metodologia de trabalho utilizada foi a análise das observações e registros das práticas realizadas pelos acadêmicos de Pedagogia, Letras e Artes na brinquedoteca no hospital desde o seu início (em 2006) até o presente momento (2008). Foram analisados 270 relatórios produzidos por alunos e professores. No projeto foram realizadas 300 entrevistas com as crianças e adolescentes e 70 entrevistas com os familiares sobre a avaliação do projeto. Todavia, esse artigo tem como foco principal a análise dos relatórios dos acadêmicos, das observações realizadas nas reuniões sobre o projeto na universidade e nas oficinas. Essa opção ocorreu devido à quantidade de informações e necessidade de recorte para análise.

Os acadêmicos que participaram do Projeto de Extensão na brinquedoteca recebiam cursos iniciais de formação e preparo para atuação no ambiente hospitalar e também participavam de reuniões semanais do projeto para discutirem situações e estratégias de enfrentamento dos problemas por ele encontrados.

As descrições dos acadêmicos e docentes das práticas lúdicas realizadas na brinquedoteca hospitalar foram muito próximas das descrições realizadas por Oliveira e Santos (2007) em sua pesquisa.

Para Paula (2008, p. 7) a reflexão a respeito da Educação Popular não está dissociada de conceitos como: “identidade cultural, ideologia, dialogia, cultura, saberes populares, religiosidade, curiosidade epistemológica, conhecimentos, sonhos e amorosidade.”Esses aspectos eram descritos como fundantes das ações lúdicas na brinquedoteca. Questões como a presença da Educação Popular na brinquedoteca, a característica do trabalho, simetria entre educadores e educandos e o diálogo também faziam parte dos elementos apontados neste trabalho.

O artigo também descreve as dificuldades, as denúncias e a busca de estratégias de superação de condições desumanas encontradas pelos pacientes desde a

infraestrutura precária até as condições de atendimento no hospital. Uma das conclusões que a autora descreveu com esse trabalho foi: “ O que tem sido possível observar é que, a experiência da brinquedoteca é dialética. Ao mesmo tempo em que nos apresenta um ambiente hospitalar muitas vezes, desumanizador, também nos humaniza.”(PAULA, 2008, p. 14)

Como afirmava Freire (1996, p72) a consciência das nossas incompletudes e da esperança, são elementos necessários entre os homens: “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, é puro determinismo.”

Estes trabalhos sobre a Pedagogia em Ambientes Hospitalares demonstram que as transformações são possíveis, mas ainda existe um longo caminho a ser percorrido por educadores que atuam nesses contextos para modificar estruturas autoritárias existentes.

3. Considerações finais

A Educação Popular na Pedagogia Hospitalar é uma área recente no Brasil. Nos cursos de graduação em Pedagogia, a discussão da educação em diferentes contextos recebeu novos contornos a partir das Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006). Entretanto, essas discussões ficam restritas as disciplinas isoladas, a projetos de extensão, a grupos de estudo, trabalhos de conclusão de curso e o empenho de docentes que se preocupam com essa área de pesquisa e de atuação dos professores e pedagogos.

Nos programas de pós-graduação no Brasil *stricto sensu*, existem poucas dissertações e teses que discutem essa temática. O fato do Grupo de Educação Popular da ANPED (GT-6) ter acolhido 2 trabalhos em 14 anos, expressa que existe uma lacuna nessa área que precisa ser discutida em relação as concepções de educação que estão sendo utilizadas nestes contextos, assim como da insuficiência da produção acadêmica desta temática nos programas de pós-graduação. Nas políticas públicas também são necessários investimentos e o reconhecimento do direito e da garantia da educação para crianças, adolescentes, jovens e adultos enfermos. Esta área ainda é invisível para os órgãos públicos e para a sociedade de forma geral.

A Pedagogia Hospitalar é um campo no qual existem múltiplas possibilidades de trabalho com a Educação Popular na sua potência, desde a humanização nas relações

peçoais no atendimento aos enfermos, nos encontros das salas de aula, nas brincadeiras nas brinquedotecas, no diálogo, na escuta, na afetividade, na valorização das culturas locais, no respeito à diversidade religiosa, no acolhimento, na discussão sobre o protagonismo e a construção da autonomia dos educandos. Fundamentalmente, esses espaços, são locais de resistência e liberdade das situações opressoras que os enfermos vivenciam. Esses ambientes deveriam ser aproveitados e investigados de forma plena por educadores, educandos e pesquisadores na construção de práticas e saberes engajados.

REFERÊNCIAS

BACKES, José Licínio. O lugar da cultura no GT de Educação Popular da ANPEd. **Anais da 30ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação ANPEd**,2007,pg.1-16,Caxambu.Disponível em <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT06-2742--Int.pdf>. Acesso em 01 de fevereiro de 2015

BRASIL. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar**: estratégias e orientações. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Especial. Brasília, 2002

BRASÍLIA. **Projeto de Lei 4.191- 2004. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado em classes hospitalares e por meio de atendimento pedagógico domiciliar**. Disponível em:

<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=265627>. Acesso em: 12 de fev.de 2015.

BRASIL. **Lei 11.104 de 21 de março de 2005**. (2005)Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm. Acesso em 01 de janeiro de 2015

BRASIL. Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno. Resolução CNE/ CP 1. , de 15 de Maio de 2006. Institui **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia**. Disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em 03 de fevereiro de 2015

DICKMANN, Ivo; DICKMANN, Ivanio. **Primeiras palavras em Paulo Freire**. Passo Fundo, Ed. Battistel, 2008

FREIRE, Paulo. Contra o medo. In: FREIRE, Paulo, GUIMARÃES, Sergio. **Sobre Educação** (Diálogos). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, pg 87-99

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo. Ed. Homem de Melo, 1993

FREIRE, Paulo. Sobre o ato cognoscente. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (org). **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Ed. UNESP, 2001, p.41-48

GONZÁLEZ-SIMANCAS, José Luis; POLAINO- LORENTE. **Pedagogia Hospitalaria. Actividad educativa en ambientes clínicos**. Madri: Narcea, S.A. de Ediciones, 1990

MENDONCA, Nelino Azevedo. **Pedagogia da Humanização: A pedagogia humanista de Paulo Freire**. São Paulo: Paulus, 2008

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares. **Anais da 30ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação ANPED**, 2007, pg 1-16. Disponível em <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT06-3039--Int.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2015

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira. Educação Popular em uma Brinquedoteca Hospitalar: Humanizando relações e construindo cidadania. **Anais da 31ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação**. ANPED, 2008, pg. 1-16. Disponível em <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT06-4201--Int.pdf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2015

PULGA, Vanderlea Laodete. A Educação Popular em Saúde como referencial para nossas práticas em saúde. In. BRASIL. **Caderno de Educação Popular em Saúde**. Ministério da Saúde. Secretaria da Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio a Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 2014, 224 p.124-

VASCONCELOS, Eymar Mourão. Educação Popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. 2004, Vol. 14, n1, p. 67-83. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-312004000100005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 02 de fevereiro de 2015

ZAIAS, Elismara; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. A produção acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. **Educação Unisinos**, 14(3):222-232, setembro/dezembro 2010